



RESENHA

COSTA NETO, Eraldo Medeiros. *Entomologia cultural: Ecos do I Simpósio Brasileiro de Entomologia Cultural 2013*. Feira de Santana: UEFS, 2014, 662p.

Hildo Honório do Couto (UnB)

A primeira pergunta que alguém poderia fazer é por que resenhar um livro de entomologia em uma revista de linguística. Primeiro, porque a revista não é só de linguística, mas de ecolinguística, o que já começa a justificar a resenha. Segundo, o livro trata de entomologia cultural, o que nos leva na direção da **etnoecologia linguística**, parte da ecolinguística que estuda o modo pelo qual comunidades tradicionais lidam com seu entorno, via linguagem. Por ser do âmbito das etnociências, o livro dialoga muito bem com os tópicos ecolinguísticos, tanto que a ONG Terralingua, dirigida por Luisa Maffi, tem albergado muitas publicações de ecolinguistas, como Peter Mühlhäusler. O ecolinguista Gilberto Paulino de Araújo, da editoria executiva de ECO-REBEL, vem se dedicando à etnoecologia linguística. Por fim, o organizador do livro, Eraldo Costa Neto, além de biólogo e etnocientista, é também ecolinguista e constante colaborador dos empreendimentos da área. Onze artigos estão escritos em espanhol, dois em inglês. Os demais em português.

O livro está dividido em quatro partes, além de uma curta Apresentação do organizador, um Prefácio de Hitoshi Nomura e uma conferência de abertura de Nelson Papavero, intitulada "Santos e insetos". O primeiro texto desta seção é mais uma justificativa para esta resenha. Por isso, vou deixar para falar dele no final. Os demais capítulos dessa primeira parte do livro tratam da presença dos insetos em obras escritas, desenhos, pinturas e publicidade (Cordona; Carvalho; Fonseca & Lopes; Takada; Sandoval-Gómez & Sánchez; Franco & Santana-Reis; Amaral; Oliveira, Lima & Lhano).

Os seis capítulos da parte 2 são dedicados à "Entomologia cultural na perspectiva da América Latina". Ana L. Gaddi toca na questão da etnoentomologia, Maurício Vargas-Clavijo associa a entomologia à psicologia e à educação, Mariana Sanmartino enfrenta a questão da doença de Chagas, Maria Celeste Medrano discute a o xamanismo e a metamorfose dos insetos na zoo-sociocosmologia qom (toba), segundo os quais estamos sempre mudando, como os animais, aí inclusos os insetos. Os humanos estão sujeitos aos mesmos desígnios que eles. A visão etnoentomológica aparece também em Fernando Zamudio & Norma I. Hilgert. A terceira parte do livro consta de apenas três ensaios, todos eles tratando de fatos entomológicos do passado registrado por cronistas e outros.

A quarta parte, por fim, contém dez textos sobre "representações sobre os insetos". Os assuntos vão de mitos e credices sobre insetos (Silva et al.), aranhas, pragas domésticas (Rieder), a convivência de uma comunidade rural com os insetos (Silva & Jucá-Chaves), as atividades no Museo La Plata no mês de Chagas (Salsalobre et al.), o mesmo assunto nos jovens (Amieva, Mordeglia & Sanmartino), a questão do mal de Chagas na educação (Sanmartino & Gaddi), as "pragas" em hortas e mercados de Teresina (Souza Jr. & Lima), o modo de os estudantes de Cruz da Almas encararem os gafanhotos (Conceição et al.), o desconhecimento em relação aos besouros em comunidades urbanas (Regina et al.) e, finalmente, o uso dos insetos na previsão do tempo (Oliveira).

Retornemos ao texto de Tayron Sousa Amaral & Thiago Alves França, sob o título de "O código das abelhas: comunicação ou linguagem? Uma discussão acerca da seleção lexical utilizada em manual de entomologia à luz da linguística". Entre os oito autores mencionados nas Referências, seis são linguistas, e apenas dois são entomólogos. Baseando-se sobretudo em Émile Benveniste, os autores discutem a questão da linguagem humana relativamente à "comunicação animal", designações que já denunciam o antropocentrismo não só do grande linguista que é Benveniste, cujas ideias eles seguem, mas da esmagadora maioria dos linguistas, sobretudo os de orientação formalista. Para eles a 'língua' humana nada tem em comum com a 'comunicação' animal, com o que a entomologia estaria de acordo, segundo os autores. Na verdade, como Benveniste, eles não fazem distinção entre 'língua' e 'linguagem', o que é de estranhar, pois ela é importante na língua do linguista francês. Ela só não existe nas línguas germânicas.

Benveniste é o proponente de uma das mais interessantes teorias linguísticas, a linguística da enunciação. No concernente ao assunto em tela, ele segue a opinião padrão entre os linguistas, sobretudo os formalistas, de que a 'língua' humana é tão extraordinária, tão superior à 'comunicação' animal que nem há termos de comparação. Ele, e muitos outros,

prefere dizer que nos animais há "comunicação" e, entre os humanos, "linguagem", "língua". Isso ocorre porque acham que "língua" é um sistema de regras, ao passo que "comunicação" seria qualquer tipo de interação que se aproxime da teoria matemática da comunicação. No entanto, como se pode ver no artigo sobre linguística ecossistêmica (*este volume de ECO-REBEL*), as regras do sistema existem para ajudar na comunicação porque a língua é basicamente comunicação, que não é apanágio exclusivo dos humanos, mas é compartilhada com os demais animais. No artigo sobre análise do discurso ecológica pode-se ver que nem o silogismo é apenas sintaxe. Sem referência ele seria ininteligível, como Já mostrara Russel.

Na perspectiva ecossistêmica, a língua é interação, dos organismos entre si e deles com o meio. A segunda corresponde à referência; a primeira, à comunicação. Aí já temos um primeiro ponto de contato entre "comunicação animal" e "comunicação humana".

Embora Amaral & França concordem com Benveniste em "que a sociedade é [...] condição da linguagem", aparentemente não aceitam a "sociedade animal". Nós comunicamos uns com os outros para nos referirmos a algo, o mundo. Tanto que as abelhas se orientam pelo sol (p. 60), exatamente como os humanos fazem, criando as coordenadas *norte/sul*, *leste/oeste* etc., ou *antes/depois*, *sobre/sob*, *à direita/à esquerda* e *dentro*, entre outras.

Aparentemente, os autores subscrevem a asserção de Benveniste de que entre as abelhas não há diálogo, uma vez que não haveria resposta. É claro que há. A linguística ecossistêmica mostrou que a interação comunicativa primordial é a ordem. Entre os humanos alguém pode dizer a outrem "Feche a porta" e a resposta é o ato de fechar a porta. Isso é uma interação comunicativa, pois houve uma solicitação e um atendimento. A abelha que achou a fonte de alimento solicita às demais que vão na direção em que ele se encontra e elas a obedecem. Vale dizer, há uma interação comunicativa, exatamente como na recém-mencionada.

Tudo depende de como se define linguagem. Para a linguística ecossistêmica e para os semioticistas, todo tipo de comunicação é linguagem, como se pode ver na zoosemiótica de Sebeok, na ecossemiótica de Winfried Nöth e outras. Portanto, a asserção de "que linguagem não é o melhor termo para se referir ao que se verifica entre as abelhas" não faz sentido. Já que não podemos falar em 'língua das abelhas', o mais sensato seria dizer que há a **linguagem humana** e a **linguagem animal**, aliás, várias linguagens animais, dependendo da espécie. Uma e outra têm uma faceta referencial e uma comunicativa.

O grande problema de Benveniste que Amaral & França subscrevem é procurar por 'diferenças' entre a linguagem humana e a animal, inconscientemente para nos distanciar

ECO - REBEL

das demais espécies. Ora, nós achamos o que procuramos. Se procurarmos por 'diferenças' entre as duas, vamos achá-las. De qualquer forma, os autores estão de parabéns por terem posto o problema em um encontro de entomologia, já que os linguistas não acham que ele seja digno de sua atenção. Os ecolinguistas estão convictos, sobretudo os seguidores da linguística ecossistêmica, de que sua disciplina é um ótimo ponto de partida para se estudar a questão, como reconhece o ecolinguista e filósofo da linguagem alemão Peter Finke. Só por isso já valeu a publicação do ensaio dos dois autores.

Depois de compulsar este volumoso livro, constatamos que a entomologia, ou melhor, a etnoentomologia tem tudo a ver com o ramo da linguística ecossistêmica intitulado etnoecologia linguística. Trata-se de um motivo para um diálogo entre entomólogos e ecolinguistas. Fica aqui o convite aos dois lados para esse diálogo.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 1, n. 1, 2015.